



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na
cerimônia de abertura da 35ª Feira Agropecuária de Franca**

Franca-SP, 14 de maio de 2004

Meus queridos e queridas companheiros e companheiras de Franca,
Meu querido companheiro Roberto Rodrigues, ministro da Agricultura,
Meu querido companheiro Luiz Furlan, ministro do Desenvolvimento,
Indústria e Comércio,

Minha querida companheira Marisa,

Meu querido companheiro Gilmar Dominici, prefeito de Franca,

Meus queridos companheiros deputados federais que estão nesta
delegação, Jefferson Campos, Gilberto Nascimento, Milton Monti, e o
companheiro Jamil Murad,

Meu caro Fábio Meirelles, presidente da Confederação Nacional da
Agricultura,

Deputados estaduais,

Prefeitos,

Secretários,

Meus companheiros da Expoagro 2004,

Eu vou ter a oportunidade de ter uma conversa com vocês. Eu vim a
Franca, hoje, para participar desta Feira e para inaugurar uma nova fábrica de
sapatos, a expansão de uma fábrica de sapatos chamada Ferracini. E vim aqui
para dizer para vocês que, muitas vezes, no Brasil, tem gente que torce para
que as coisas não dêem certo, para justificar a sua própria existência.

Eu digo sempre que nós – e dizia isso aqui, em 1982, na cidade de
Franca, quando muitos de vocês não eram nem nascidos – que um político
mentiroso diz que mata a cobra e mostra o pau com que matou a cobra, mas



não mostra a cobra morta. E nós não queremos matar a cobra, hoje, porque nós somos ambientalistas e não queremos mais matar nada. Mas, utilizando a linguagem popular, nós queremos matar a cobra e mostrar a cobra morta, porque, senão, as pessoas não terão a certeza.

O Roberto Rodrigues falou, aqui, da agricultura. Eu me lembro, quando fui eleito, do medo que as pessoas tinham, sobretudo na agricultura empresarial, de que eu fosse ter uma atitude a ponto de prejudicá-los. E eu me lembro, claramente, que nós dizíamos: a agricultura empresarial não é incompatível com a agricultura familiar. As duas se completam. Nós precisamos ter uma grande agricultura empresarial, cada vez mais, produzindo mais e exportando cada vez mais; e precisamos ter uma agricultura familiar produzindo cada vez mais e, cada vez mais, tendo acesso à tecnologia para que as famílias dos agricultores possam viver condignamente e ganhar o seu sustento e o da sua família.

E hoje eu posso, aqui nesta Feira, meu caro Roberto Rodrigues, dizer para você e para os agricultores: primeiro que, no ano passado, a agricultura empresarial recebeu, possivelmente, com o plano de agricultura da safra 2003/2004, a maior quantidade de dinheiro que recebeu nos últimos 20 anos. É por isso que nós, cada vez mais, estamos crescendo e exportando cada vez mais.

Mas a agricultura familiar não ficou esquecida. Para a safra de 2003 a 2004, no nosso primeiro ano de governo, Roberto, com o dinheiro do Pronaf, nós fizemos 56% a mais de contratos do que o governo anterior e emprestamos 99% a mais de dinheiro do que o governo anterior. No governo anterior, as pessoas não conseguiam ser atendidas pelos gerentes do Banco do Brasil, porque o Banco desaprendeu a atender o pequeno. E nós, agora, queremos que o Banco atenda o grande com respeito, mas atenda o pequeno com dignidade, porque o Banco é de todos, não é de um grupo de privilegiados.



Eu vim aqui, hoje, inaugurar uma fábrica que está gerando empregos, para dizer a algumas pessoas que essas pessoas vão ter que aprender a conviver, democraticamente, com a verdade.

De janeiro a março deste ano, nós geramos 347 mil empregos a mais. É o maior saldo positivo de empregos desde 1992, o maior saldo positivo, e vamos continuar gerando mais. E porque vamos gerar mais? Porque estamos acreditando na micro, na pequena e na média empresa; porque estamos acreditando na agricultura familiar; porque vamos fazer a reforma agrária pacífica; porque acreditamos no médio empresário; porque acreditamos na capacidade de produzir e de exportar do grande empresário brasileiro e, sobretudo, porque nós queremos provar que este país não deve, absolutamente, ficar de cabeça baixa.

O meu companheiro Roberto e o Fábio Meireles sabem: há muito tempo o Brasil tinha uma demanda na Organização Mundial do Comércio, com relação ao algodão, porque os Estados Unidos subsidiam o preço do algodão.

No governo passado, o ministro das Relações Exteriores era contra brigar com a OMC, porque tinha que brigar com os Estados Unidos. Pois bem, nós entramos, compramos a briga, e ganhamos. Ganhamos a briga na Organização Mundial do Comércio. E vamos ganhar outra briga, porque este país aprendeu a andar de cabeça erguida, este país aprendeu a ter orgulho de si próprio, e este país aprendeu a respeitar os 176 milhões de brasileiros.

É por isso, companheiro Gilmar, que eu não poderia recusar o seu convite para vir aqui, a Franca. Afinal de contas, eu venho aqui desde 1982. Afinal de contas, eu venho inaugurar uma fábrica, hoje, com a mesma vontade que eu vim no ano passado, e alguns anos atrás, discutir a crise da indústria de calçados. Eu vim aqui em 1985, apoiar a greve dos sapateiros, que foi uma das greves mais importantes desta cidade.

E eu acho que isso é uma demonstração de que quando eu convidei o companheiro Roberto Rodrigues, o empresário da agricultura, para ser ministro



da Agricultura; quando eu convidei o companheiro Luiz Furlan, grande empresário e presidente da Sadia, para ser ministro da Indústria e Comércio; quando eu chamei o Mares Guia para ser ministro do Turismo; quando eu convidei o Celso Amorim para ser ministro de Relações Exteriores; quando eu convidei o Ciro Gomes para ser ministro – e vejam que estou citando só gente que não é do PT – é porque eu tinha consciência do que era a dificuldade de governar um país como este. E tinha consciência de que era importante chamar o que este país tinha de melhor, independentemente do partido a que eles pertencessem.

E hoje, aqui, eu posso dizer: graças a Deus eu escolhi ministros como esses. Graças a Deus eu pude levar um Palocci para ser ministro da Fazenda; graças a Deus eu posso ter um José Dirceu na Casa Civil e graças a Deus eu pude ter um companheiro como o Graziano no projeto Fome Zero, como ministro meu. Sabem por quê? Porque nós queremos provar que este país pode ser um país extraordinário.

Lançamos, agora, o projeto Universidade para Todos, para incluir mais 100 mil jovens nas universidades brasileiras, onde as universidades filantrópicas e as universidades particulares, com parte da isenção de impostos que nós vamos dar, vão transformar essa isenção em vagas para filhos de pobres que passam no vestibular e que, depois, não conseguem entrar na universidade. E vamos fazer isso.

Uma boa notícia para você, meu caro companheiro Gilmar. Dia 20, em Brasília, nós vamos lançar a nossa proposta e os contratos de financiamento para saneamento básico. E quero que vocês prestem atenção no número: nós vamos contratar, Gilmar, e demais prefeitos aqui presentes, nós vamos contratar, no dia 20 de maio, agora, 2 bilhões e 900 milhões de reais para fazer saneamento básico no Brasil. Só para vocês terem idéia do que são 2 bilhões e 900 milhões de reais, o que nós vamos anunciar este ano é mais do que o governo anterior anunciou de 1995 a 2002. Em um ano, a gente vai anunciar



mais do que foi feito em sete anos de saneamento básico, porque estamos preocupados com a melhoria da qualidade de vida das pessoas, porque estamos preocupados com a construção civil, mas, sobretudo, estamos preocupados com a geração de empregos, sobretudo nos grandes centros metropolitanos.

Tomei uma decisão esta semana e anunciei ontem: o Exército Brasileiro tinha recrutado 70 mil jovens e nós tomamos a decisão de recrutar mais 30 mil jovens, que vão ficar um ano no Exército aprendendo uma profissão e, depois, vamos introduzi-los no mercado de trabalho, sobretudo, os jovens das grandes regiões metropolitanas. Aqueles que têm alguma preocupação com o nosso governo, podem ficar tranquilos que, ao final de quatro anos, eu quero fazer, Gilmar, o que você fez aqui, em Franca. Eu me lembro que quando você ganhou as eleições, a elite de Franca dizia: “Esse moço não vai dar certo, esse moço não tem experiência”. Depois, você se reelegeu e vai terminar o seu segundo ano de mandato, talvez, como o melhor prefeito que a cidade de Franca já teve. E eu sei das suas preocupações. Você é um homem que construiu uma relação de amizade e ninguém, pode ser rico ou pobre, tem alguma coisa contra você. As pessoas podem ter divergências, o que é natural, mas as pessoas te respeitam pela seriedade com que você administrou esta cidade. E é isso que nós vamos fazer no Brasil.

Todos nós, daqui a quatro anos, queremos medir o que foram os nossos quatro anos e o que foram os anos antes de nós, para provarmos como é que o povo trabalhador, ao ser chamado à responsabilidade, mostra competência para fazer o que, muitas vezes, a elite brasileira não conseguiu fazer.

Boa Feira. Muito obrigado, gente. E boa sorte para todos nós.